

RENOVANDO A LEITURA DA BÍBLIA NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA¹

Júlio Paulo Tavares Zabatiero²

Resumo: Neste artigo descrevo três modelos de leitura da Bíblia presentes no Cristianismo na Modernidade e na transição desta para o mundo dito, inadequadamente, “pós-moderno”. O primeiro modelo é o que chamo de agônico, construído na Modernidade a partir da oposição radical entre razão e fé como duas vias excludentes de acesso à verdade. O segundo é chamado de egônico, construído na atualidade, a partir da adesão a um modelo de cristianismo chamado – também inadequadamente – de neo-pentecostalismo. A leitura egônica é uma leitura egocêntrica, consumista da Escritura. O terceiro modelo é chamado de dialógico, e tem sido construído em ambientes cristãos evangélicos, católicos populares e ecumênicos. Sua proposta é ler a Bíblia em função do amor a Deus e do amor ao próximo, como expressão da vida comunitária em Cristo.

Palavras-chave: Leitura Bíblica. Modernidade e pós-modernidade. Dialógico.

Abstract: In this article I describe three kinds of Bible hermeneutics in Christian Churches from modern times to the current situation. The first kind is called *agonic*, based on the Greek word *agon*, fight, combat. Its essence is a war-like approach to the Truth – only one way to the Truth is legitimate: faith or reason. The second is called *egonic*, a neologism based on the word *ego*. Its essence is the use of the Bible as a source of legitimation of any kind of egocentric religious performance. The third one, favoured by the article, is a hermeneutics focused on love to God and to the Other. Its subject is the Christian community engaged in Mission.

Keywords: Biblical Reading. Modernity and post-modernity. Dialogical.

Introdução

As mudanças sócio-culturais das últimas décadas do século XX, que se convencionou chamar de pós-modernidade,

¹ Evitei o acúmulo de notas de rodapé para tornar a leitura mais fluente. A indicação das fontes subjacentes a esta discussão pode ser encontrada em outros textos de minha autoria: ZABATIERO, Júlio Paulo T. “Novos rumos na pesquisa bíblica”. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo: EST, v. 46, n. 1, p. 22-33, 2006; “Enunciação e exegese bíblica: a contribuição de Bakhtin e Benveniste”. **Práxis Evangélica**. Londrina: FTSA & Descoberta, v. 8, p. 31-44, 2005; “Hermenêuticas da Bíblia no mundo evangelical”. In: **Hermenêuticas Bíblicas**: Contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica. São Leopoldo e Goiânia: Oikos e Universidade Católica de Goiás, 2005, p. 61-74; e **Manual de Exegese**. São Paulo: Hagnos, 2007.

² Doutor em Teologia (Faculdade EST), professor da Faculdade Unida de Vitória - ES.

promovem complexos e estimulantes desafios para as Igrejas Cristãs e seus ministros. São mudanças bastante amplas, e afetam a totalidade da vida pessoal e social. Por exemplo: a religiosidade é cada vez mais pluralista, peregrinante e consumista – a religião e a fé só fazem sentido na medida em que proporcionam melhorias efetivas na vida emocional e econômica das pessoas; as relações entre pastores e entre igrejas locais são crescentemente marcadas pela competição e concorrência – marcas acentuadas pela presença intensa de algumas denominações eclesiais nos meios de comunicação de massa. Diante destas mudanças, as expectativas das lideranças eclesiais em relação ao papel de pastores também tem se modificado – espera-se cada vez mais que pastores sejam capazes de fazer frente à concorrência, mantendo a igreja local em crescimento numérico, atendendo com eficácia às necessidades imediatas de seus membros, garantindo que o culto dominical mantenha a identidade da denominação e, simultaneamente, faça com que as necessidades emocionais dos frequentadores sejam satisfeitas.

Estas mudanças na vida religiosa são acompanhadas por mudanças no modo de acesso à realidade. Vivemos em uma sociedade na qual a leitura de textos está sendo substituída pelo assistir às imagens da televisão, do cinema e da internet – de uma sociedade do texto passamos para uma sociedade da imagem, de uma sociedade monomidiática passamos a uma sociedade plurimidiática. No conjunto, essas mudanças nos obrigam a rever nossa atitude e nossa metodologia de leitura da Bíblia. A fé cristã foi chamada, durante muito tempo, de *religião do livro*, tendo a Bíblia sido o guia inspirador da vida da Igreja, suas reformas, suas renovações, seu aperfeiçoamento. Na sociedade do espetáculo, todavia, o impacto *do livro* é diminuído e paulatinamente substituído pelo impacto da imagem multimidiática. O *texto* vai sendo substituído pelo *hipertexto* e a leitura, de ato reflexivo e crítico, passa a ser cada vez mais ato informativo e/ou de lazer.

À luz destas mudanças sócio-culturais, como compreender e realizar a agradável tarefa de estudar as Escrituras? Não é possível responder a essa pergunta plenamente em um artigo, precisaríamos de muito mais tempo e espaço textuais para abordar com amplitude a tarefa hermenêutica da Igreja. Por isso, quero focalizar a atenção sobre três tópicos: no primeiro, quero descrever sinteticamente o modelo de leitura bíblica predominante nos séculos XVIII-XX, o qual sofre mais direta e intensamente o efeito das mudanças e, de certo modo, tem responsabilidade parcial no esvaziamento da força do *livro*

na vida cristã. No segundo, esboço o contorno de um modo de leitura bíblica que, me parece, está se tornando muito comum nas igrejas evangélicas entre ministros que adotaram, conscientemente ou não, o projeto de igreja centrado no crescimento numérico em imitação ao neo-pentecostalismo. No terceiro, abordo mais diretamente a pergunta que inicia este parágrafo, descrevendo um novo modo de ler a Bíblia, que ainda está em processo de construção, mas pode ser considerado como uma das respostas possíveis aos desafios da sociedade da imagem.

1. A interpretação da Bíblia: uma pesquisa agônica

Nos séculos XVIII-XX, no mundo cristão ocidental, perdoada a simplificação excessiva, predominou um modelo de leitura caracterizado pelo confronto e conflito entre verdades opostas e concorrentes entre si. Na primeira parte desse período, simultaneamente ao desenvolvimento do iluminismo e do positivismo na filosofia e nas ciências em geral, a leitura da Bíblia ficou polarizada pela disputa entre o *dogma* e a *ciência*, entre a submissão à doutrina e autoridade religiosa e a autonomia do ser humano diante de toda e qualquer autoridade, humana ou divina. Cada lado dessa disputa estabeleceu seus próprios critérios de validade, recusando ao outro lado a possibilidade de provar a sua própria verdade. Pelo que se pode chamar este modelo de leitura de *pesquisa agônica*.

Por exemplo, foi o período no qual se desenvolveu o árido debate entre *criação* e *evolução* (atualmente revivido no debate entre criacionismo e evolucionismo naturalista). Os defensores de uma leitura científica da Bíblia colocaram em xeque os relatos bíblicos da criação, julgando-os de acordo com os critérios da nascente ciência cosmológica. Por sua vez, os defensores de uma leitura devota da Bíblia atacaram a leitura científica como a mãe de heresias e responsável pela descrença em Deus e seu poder. Ambos os lados, porém, desenvolveram o seu critério de verdade no mesmo lugar epistêmico: a ciência histórica de tipo positivista, na qual, a verdade histórica é a "correspondência entre o narrado e o acontecido". Desenvolveram-se, então, os métodos da exegese histórico-gramatical e os métodos da exegese histórico-crítica. A exegese histórico-gramatical, de modo geral, afirma a historicidade de todos os textos da Bíblia, enquanto a histórico-crítica afirma a necessidade de se estabelecer a historicidade de cada texto bíblico estudado. Até hoje são esses os métodos mais comumente ensinados pelos manuais de hermenêutica ou de exegese usados seja nos centros de formação pastoral, seja nos

centros de formação com visão científica. Entretanto, não se conseguiu perceber, nesse período, a inutilidade da luta, a má colocação dos problemas discutidos, a impossibilidade de uma *verdade* prevalecer sobre a outra. Não se conseguiu perceber, enfim, que a verdade religiosa é de um tipo distinto da verdade científica, e que ambas não competem necessariamente entre si, mas sim, ambas contra a ideologia, a ignorância, a ilusão do engano.

Nesse período surge um fenômeno religioso no Cristianismo que tem produzido efeitos até a atualidade – o fundamentalismo. Não posso oferecer uma ampla descrição e crítica do fundamentalismo, por isso destaco apenas um aspecto fundamental de sua maneira de ler a Bíblia, que é mais interessante para o tema deste artigo. Para o fundamentalismo, o próprio método de leitura da Bíblia deve ser teologicamente concebido e justificado – ou seja, o método passa a fazer parte da confessionalidade da fé cristã. A disputa não gira mais apenas ao redor dos resultados e pressupostos da metodologia interpretativa, mas envolve a própria metodologia que deve ser confessionalmente “ortodoxa”. Embora o texto que eu vá citar seja recente, ele reflete bem a mentalidade fundamentalista. É a conhecida *Declaração de Chicago sobre a Inerrância da Bíblia*, elaborada em 1978. Os trechos em itálico destacam o caráter confessional atribuído ao método.

Artigo III.

Afirmamos que a Palavra escrita é, em sua totalidade, revelação dada por Deus.

Negamos que a Bíblia seja um mero testemunho a respeito da revelação, ou que somente se torne revelação mediante encontro, ou que dependa das reações dos homens para ter validade.

Artigo XII.

Afirmamos que, em sua totalidade, as Escrituras são inerrantes, estando isentas de toda falsidade, fraude ou engano.

Negamos que a infalibilidade e a inerrância da Bíblia estejam limitadas a assuntos espirituais, religiosos ou redentores, não alcançando informações de natureza histórica e científica. Negamos ainda mais que hipóteses científicas acerca da história da terra possam ser corretamente empregadas para desmentir o ensino das Escrituras a respeito da criação e do dilúvio.

Artigo XVIII.

Afirmamos que o texto das Escrituras deve ser interpretado mediante exegese histórico-gramatical, levando em conta suas formas e recursos literários, e que as Escrituras devem interpretar as Escrituras.

Negamos a legitimidade de qualquer abordagem do texto ou de busca de fontes por trás do texto que conduzam a um revigoramento, desistorização ou minimização de seu ensino, ou a uma rejeição de suas afirmações quanto à autoria.³

Especialmente este último artigo enfatiza o caráter doutrinário, confessional, da metodologia da leitura da Bíblia. Tal confessionalização do método provoca um engessamento do processo hermenêutico e normalmente resulta em que o resultado da interpretação dos textos bíblicos seja a confirmação de um pequeno conjunto de doutrinas. Um efeito colateral dessa atitude fundamentalista quanto à leitura da Bíblia é a alegorização de grande número de textos do Antigo Testamento, necessária para que se possa extrair “mensagens” edificantes para a igreja que estejam em sintonia com o conjunto de doutrinas ortodoxas. Permito-me apresentar um exemplo dessa alegorização, mediante texto de um professor de hermenêutica em Seminário teológico evangélico. Extraio o trecho de uma meditação sobre a “arca da aliança”:

Hoje, não existe mais um tabernáculo no deserto, nem um templo de pedras onde Deus possa habitar. O apóstolo Paulo escreveu aos coríntios, dizendo que os cristãos são tabernáculos e templos do Senhor. (I Cor. 3.16 e II Cor. 5.1-4). Todas as pessoas são, potencialmente, tabernáculos de Deus. Mas muitas são tabernáculos vazios, pois não possuem a arca, não possuem a presença de Deus em seus corações. O que seria do tabernáculo de Moisés no deserto sem a arca da aliança? Talvez pudesse ser confundido com um circo ou com uma tenda qualquer. É a arca que faz a diferença. É a presença de Deus em nós que justifica nossa existência e dá sentido à nossa vida.

Os objetos colocados no interior da arca nos fazem refletir sobre o que deve haver no nosso interior: [...]

A vara de Aarão - Essa vara era um pedaço de pau, galho da amendoeira, usado, provavelmente, para conduzir o rebanho. Quando Deus quis dar um

³ http://www.luz.eti.br/do_declaracaodechicago.html. Acesso em 22.05.2007.

sinal ao povo, fez com que a vara de Aarão, aquela madeira seca e velha, produzisse brotos, flores e frutos. Isso é extraordinário! Qual o significado da vara de Aarão para nós? Poder de Deus, ação do Espírito Santo, de maneira que o impossível acontece e maravilhas se realizam. É o poder da ressurreição. Aleluia! O sinal da vara de Aarão nos mostra a ação de Deus quando já se pensa que é tarde demais. Se já recebemos o Senhor Jesus e já temos adquirido o conhecimento da Palavra de Deus, busquemos ainda o batismo e o enchimento do Espírito Santo. Dessa forma, nossa vida cristã não se resumirá em fé e palavras, mas em manifestação do poder de Deus⁴.

Já na segunda metade do século XX, esses embates se ampliaram e mudaram um pouco o foco. A velha luta entre o dogma e a lei científica foi se modificando nos dois lados. No lado da igreja, o dogma doutrinário foi sendo substituído pelo dogma da *experiência* e, no lado oponente, a ciência foi dando cada vez mais lugar à *técnica*. A luta passou a ser entre a forma certa de experimentar a realidade e modificá-la através da ação. O velho dualismo espírito/matéria recebeu a nova roupagem do dualismo da técnica: ter a experiência certa da fé e fazer corretamente a missão cristã versus ter a experiência correta do saber e fazer corretamente a sociedade funcionar. Ambos os lados tinham em comum o desejo de resolver os males sociais, tais como a pobreza, o alcoolismo, a violência, etc. A Bíblia passa a ser, então, um livro que *ou* deve ser lido em busca da verdade a ser vivida, *ou* um livro a ser criticado por ser incapaz de solucionar problemas modernos. Mas, ao fim, em qualquer dos casos a Bíblia perde a sua força, pois deixa de ser *regra* e passa a ser *regrada* pela experiência ou pela técnica. Nesse embate, não se modificou a forma do combate: permanece a luta entre a exegese histórico-gramatical e a exegese histórico-crítica, apenas mais refinadas em suas metodologias e sutilezas.

Mas as leituras científica e dogmática receberam novos ataques nessa guerra hermenêutica. Além do antigo inimigo eclesiástico, dentro do próprio mundo científico surgiram duas novas frentes de combate. Uma delas, forte nos países do chamado Primeiro Mundo, atacava a aridez das leituras tradicionais, e passava a exigir que a leitura da Bíblia levasse em consideração as questões éticas e estéticas, ou em outras pa-

4 O autor é Anísio Renato de Andrade, o texto foi acessado na internet: http://www.urrodoleao.com.br/materia_106.htm. Acesso em 31/03/2005.

lavras, a questão não era mais a de descobrir a verdade, mas a justiça e a beleza na Escritura. A exegese histórica passa a ser questionada e começam a surgir modelos exegéticos inspirados na crítica literária, na psicologia, nas ciências sociais em geral. A segunda, mais forte no chamado Terceiro Mundo, questionava as leituras científica e dogmática a partir das lutas pela transformação concreta da sociedade. Ler a Bíblia tornou-se uma questão de militância, e não uma questão de conhecimento. A Bíblia passa a ser vista como fonte para a presença dos cristãos nas lutas sociais, políticas, culturais, de gênero, etc. Além dos métodos históricos, dos novos métodos inspirados em outras ciências humanas, surgiram as novas perspectivas de leitura – ler a Bíblia a partir do pobre, do negro, do índio, da mulher, do oprimido, etc.

Agora estão em jogo não só as interpretações corretas da Bíblia, mas a própria leitura em si passa a ser objeto da disputa. As perguntas se ampliam, agora é preciso definir *quem* pode ler a Bíblia, *o quê* pode ser lido, *como* se deve ler, *para quem* ler a Bíblia, *contra quem* ler a Bíblia, e *por que* ler a Escritura. Ao fim e ao cabo desses embates, quem acabou vitorioso foi o lado da ciência, na medida em que ler a Bíblia passou a ser uma questão de *técnica*, a técnica certa para descobrir a verdade, para descobrir a beleza, para descobrir a justiça. Conseqüentemente, o campo de batalha fica cada vez mais complicado, as estratégias se alteram, os perigos se avolumam, e a leitura da Bíblia cada vez mais se torna uma questão para especialistas, e não mais para o povo em geral.

2. A leitura da Bíblia: um modelo egônico

No título desta seção “inventei” uma palavra. Egônico quer nomear um jeito de ler a Bíblia centrado no *ego*, no indivíduo – seja do leitor propriamente dito, seja dos receptores da leitura da Bíblia por um líder eclesial. Devo dizer que esta descrição é baseada em uma pesquisa que não tem suficiente fundamentação estatística. Cheguei a esta descrição da seguinte maneira: (1) assisti a cerca de 40 sermões em programas de televisão das Igrejas: Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça, nos anos 2005-2007; (2) ouvi cerca de 30 sermões de pastores evangélicos em diferentes denominações “históricas”, nas cidades de Porto Alegre, Londrina e Vila Velha-ES; (3) li dezenas de “sermões” e “estudos bíblicos” em sites da internet – seja de igrejas, de líderes, ou em “portais”. Eventualmente transformarei esse trabalho em uma pesquisa

“cientificamente” estruturada. No momento, apresento os resultados parciais dessa minha aventura como ouvinte e leitor.

O que chamo de modelo *egônico* é uma rearticulação da forma agônica de leitura da Bíblia. Do modelo agônico ele mantém a atitude de defesa da verdade à qual o leitor chega mediante seu próprio esforço. Pregadores egônicos (sejam pastores, missionários, apóstolos, ou outro tipo de líderes) se apresentam como intérpretes *verdadeiros* da Bíblia – oferecendo aos seus ouvintes (leitores) a *verdade* sobre o que Deus quer falar ao ser humano. A questão básica, porém, não é de cunho doutrinário apenas. O que este tipo de leitura bíblica visa é o convencimento do ouvinte a participar de um determinado projeto de vida cristã, que é apresentado como o único autêntico e poderoso, em oposição a outras formas não-poderosas de igreja e fé cristã. O debate se dá no plano da conquista de adeptos e contribuintes financeiros, e não tanto na conquista da mente das pessoas – o que se quer é o “coração” e o “bolso”.

O novo deste modelo de leitura bíblica é a utilização do texto como uma fonte de legitimação do consumismo religioso. Não há uma preocupação em entender o texto à luz de seu contexto histórico, ou de seu contexto canônico, ou mesmo à luz de uma tradição denominacional. O objetivo é interpretar o texto bíblico de tal forma que ele sempre sirva como justificativa para determinados tipos de comportamento religioso que são valorizados pela instituição ou comunidade que serve de espaço para a pregação. Por exemplo: se a prosperidade financeira é o alvo da vida cristã, textos bíblicos sempre apoiarão esse alvo - “já fui pobre, agora sou rico, mas nunca vi o justo mendigar o pão” é lido como expressão do fato de que, se você tiver fé, irá crescer financeiramente; de que se você tiver fé, você terá uma visão empreendedora e não se deixará desanimar, mas lutará para “chegar lá”. Contraste esta interpretação com uma interpretação “agônica” desse verso: “o justo não mendiga porque Deus cuida dele e na Igreja a pessoa de fé encontrará apoio para superar suas dificuldades momentâneas”. Contraste com uma interpretação judaica contemporânea desse mesmo texto: “nunca vi o justo mendigar o pão – diz o salmista, porque quem crê no Altíssimo abre o seu coração para ajudar o necessitado – o *ver* equivale a *cuidar*”.

O modelo egônico de leitura da Bíblia possui semelhanças com uma prática de leitura bíblica que, em sua origem, representava uma resistência à hegemonia interpretativa da

Igreja. Carlo Ginzburg sintetiza da seguinte forma essa antiga prática:

Vimos, portanto, como Menocchio lia seus livros: destacava, chegando a deformar, palavras e frases; justapunha passagens diversas, fazendo explodir analogias fulminantes. Toda vez que confrontamos os textos com suas reações a eles, fomos levados a postular que Menocchio possuía uma chave de leitura oculta que as possíveis relações com um ou outro grupo de heréticos não são suficientes para explicar. Menocchio triturava e reelaborava suas leituras, indo muito além de qualquer modelo preestabelecido. ... Não o livro em si, mas o encontro da página escrita com a cultura oral é que formava, na cabeça de Menocchio, uma mistura explosiva. (GINZBURG, C. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo. Cia das Letras, 1989, p. 116)

Se na “cabeça de Menocchio” essa forma de ler criava uma “mistura explosiva”, o modelo egônico – praticando a mesma forma de leitura em outro arranjo institucional – cria uma mistura implosiva – implode a fé cristã de “dentro” de sua prática, reencenando o que Nietzsche, outrora, havia descrito como a “morte de Deus”, cujo assassinato fora promovido pelos próprios fiéis.

3. A leitura da Bíblia: um diálogo construtivo

Reconhecidos os limites do modelo predominante, desde os anos oitenta do século passado um novo modelo de leitura está sendo construído, como, e.g., na leitura popular latino-americana, nas leituras contextualizadas na Europa, América do Norte, África e Ásia. Como um modelo novo, os seus contornos todos ainda não estão claramente definidos, o que se nos apresenta como uma santa aventura pessoal, acadêmica e devocional. Redescobrir o impacto e a força do livro santo é o que deveria nos animar, especialmente nós que estamos envolvidos com o ensino da Escritura na igreja ou com as disciplinas de hermenêutica, exegese e teologia bíblica nos seminários e faculdades de teologia.

Passo a descrever as principais características desse novo modelo de interpretação bíblica.

A finalidade primeira da leitura da Bíblia, neste modelo, será a de construir *consensos*, ou seja, acordos fraternos sobre a vontade de Deus na atualidade, que sejam:

(a) *eticamente* válidos, pois nem todos os meios são justificados pelos fins – ou, nem tudo que funciona, ou que dá prazer, é justo, é bom, é santo;

(b) *cognitivamente* verdadeiros, pois nem todas as experiências, doutrinas e conceitos que defendemos passam pelo crivo da Sagrada Escritura; e

(c) *pessoalmente* verídicos, pois muitas vezes ocultamos a verdade pessoal e institucional atrás das máscaras do poder, do dinheiro, do prestígio ou do saber.

Ler a Bíblia em busca de *consensos* teológicos depende de uma prática hermenêutica em que os sujeitos da leitura não sejam mais indivíduos isolados, os especialistas da técnica, e, sim, os participantes da comunidade de fé. Depende de uma prática em que as diferentes contribuições de cada pessoa – tenha ela formação teológica ou não – possam ser:

(a) *criticamente* examinadas, ou seja, que a opinião de cada um seja demonstrada e provada e não apenas apoiada ou aceita por causa da autoridade acadêmica ou política ou espiritual de quem a formula;

(b) *livremente* apresentadas, ou seja, que cada membro da comunidade da fé possa falar, se expor, apresentar aos demais a sua visão da fé, da vida, da missão, da vontade de Deus conforme ele ou ela a vê na Escritura; e

(c) *responsavelmente* partilhadas, ou seja, que não se fale apenas por falar, que não se fale apenas a partir do *achômetro* de cada um, mas que cada participante do diálogo com a Bíblia e a partir da Bíblia, seja responsável em sua contribuição – tendo examinado bem o que leu e o que quer dizer – como os antigos judeus de Beréia que, ao ouvir a explanação da Bíblia pelos missionários cristãos, foram examinar cuidadosamente o valor e a validade da nova forma de ler a Bíblia que a fé cristã estava trazendo.⁵

Traduzindo estas reflexões para a linguagem da prática cotidiana, precisamos aprender a ler a Bíblia com seriedade acadêmica, ética e pessoal. Ler a Bíblia superando o comodismo do hábito de achar na Bíblia aquilo que nos já sabemos ou sentimos; superando a atitude distante do especialista – da

⁵ A linguagem, neste trecho do artigo é devedora a Jürgen Habermas e sua teoria da ação comunicativa.

pessoa que vai aprender o jeito certo para, depois, dizer à igreja qual é a verdade que ela deve crer e praticar; ler a Bíblia superando a preguiça ou o medo estudantis de, ao invés de estudar a Bíblia, com todo o trabalho que a leitura exige, ler as leituras que outros fizeram da Bíblia e reproduzir as interpretações já feitas e presentes nos comentários bíblicos, nos dicionários teológicos, nos sermões, nos artigos, etc...

Retornando à linguagem acadêmica, este modelo de leitura da Bíblia se insere no processo de mudanças epistemológicas a que se convencionou chamar de “virada lingüística”, o qual insiste em que o sentido é fruto da ação intersubjetiva: o sentido não deve mais ser visto como correspondente à intenção do sujeito, nem ao referente do texto, mas como fruto da interação humana; interpretar o texto bíblico é fazer dialogar os discursos do presente com os do passado, levando em consideração a história dos efeitos do texto bíblico ao longo do tempo; a historicidade passa a ser vista principalmente como parte da rede discursiva de produção de sentido na interação humana, e não apenas como uma cadeia objetiva de acontecimentos. O foco da interpretação deverá recair sobre as múltiplas relações do processo de significação e não mais apenas sobre a relação do texto com o seu referente histórico (do texto bíblico com os acontecimentos de seu tempo).

Neste novo modelo, a tarefa fundamental da interpretação não é mais a compreensão do sentido original do texto, mas a compreensão das possibilidades de sentido da *ação* (divina ou humana) no texto e a partir do texto. Redescrever a tarefa hermenêutica desta maneira nos permite ir além dos limites da interpretação *moderna* da Bíblia, limites impostos, como vimos, pelas discussões e conflitos entre fé e razão, ciência e revelação, objetividade e subjetividade, deísmo e teísmo; e, mais importante, pela prioridade do sujeito individual, masculino, branco, racional e norte-atlântico, e pela prioridade da teoria sobre a prática. A leitura da Bíblia é tarefa de comunidades cristãs, eclesiais, missionárias, acadêmicas, familiares. A leitura da Bíblia é parte integrante da espiritualidade cristã e da ação ministerial e missionária. Isto exige uma mudança do centro da tarefa: por isso o sentido da *ação* vem ocupar o lugar do sentido do *texto* enquanto tal.

Consequentemente, o resultado da leitura deverá ser a renovação da ação do cristão e da igreja em resposta à palavra de Deus que é testemunhada pelo texto bíblico. Desta forma, os aspectos doutrinários, conceituais e teológicos são colocados a serviço da missão do povo de Deus. Este novo

modelo de leitura bíblica seria, assim, consistente com as mudanças em curso no campo teológico em geral, com mais ênfase nos aspectos prático e público da teologia cristã.

Para concluir em um tom mais devocional: interpretar a Bíblia no modelo dialogal permite fazer valer novamente o papel específico da Escritura na construção da identidade do povo de Deus – permitir à Escritura que oriente criticamente a ação do cristão individual e da comunidade eclesial. Construir esse novo modelo de interpretação da Bíblia é nos aventurarmos a fazer da leitura bíblica um caminho crítico e construtivo da edificação e da missão do povo de Deus, reavivando a função da Escritura expressa em I Tm 3,15-16 que é formar o povo de Deus para a plena e integral participação na *missio Dei*. O que se pede de cristãs e de cristãos é apenas que “tenham prazer” em ler a Escritura comunitária e missionalmente. Ler a Bíblia não é obrigação, é expressão do amor a Deus e ao próximo, é expressão da fala do antigo salmista: “agrada-te do Senhor”...